

De *Jubiabá* a *Tenda dos milagres*: um romance de Jorge Amado inventa o intelectual do povo depois de 64.

A fracassada aliança da esquerda com as políticas populistas frustrou a promessa nacional-desenvolvimentista de integração social, forçando a esquerda a buscar reposicionamento político e ideológico. Culturalmente, isso significou um amadurecimento tardio do debate sobre cultura popular e participação política, que paradoxalmente se intensifica após o Golpe de 64. Pressionados à direita pela repressão militar e à esquerda pela não adesão à luta efetiva para além do campo cultural, os setores intelectualizados brasileiros atravessam aguda crise em meados da década de 1960. Sistemáticamente, a conversão do intelectual à militância ganha força temática nos romances do período, como se lê em *Quarup*, de Antônio Callado, e *Pessach, a travessia*, de Carlos Heitor Cony, ambos de 1967. Jorge Amado incorpora o problema em *Tenda dos milagres*, publicado em 1969, romance que retoma a figura do herói popular, ecoando *Jubiabá*, 1935: o protagonista filho de família pobre percorre as ruas de Salvador entre terreiros de candomblé e debates intelectuais, chega à liderança de sindicatos trabalhistas e, na condição de intelectual autodidata, promove uma polêmica embasada cientificamente capaz de contestar teorias racistas vigentes e afirmar os ideais do povo mestiço e pobre. Partindo da comparação entre os protagonistas dos dois romances de Jorge Amado, analisando suas trajetórias e o contexto social e cultural presente nas obras, este trabalho pretende captar temas e esquemas formais e apontar qual a dimensão estética das tensões históricas em causa.